

Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2022i31e59119>

Povos indígenas, identidade e sobrevivência de culturas ancestrais no Brasil contemporâneo

Mirella Martins Justi¹

Gustavo Rocha de Moraes²

RESUMO

A pandemia de Coronavírus se apresentou como um fator de desvelo da vulnerabilidade social, política e ambiental vivida pelos povos originários. Este artigo tem como objetivo compreender as possibilidades emancipatórias dos povos indígenas durante o período pandêmico de COVID-19, através da apreensão das relações entre políticas de identidade e identidades políticas presentes nesse cenário. Sendo assim, se oportunizaram as falas de algumas importantes lideranças indígenas, uma vez que podem nos apresentar estratégias das quais têm se logrado para superar as dificuldades da pandemia. Diante disso, fora possível inferir que as políticas de identidade produzidas por esses grupos, apesar de seu encapsulamento, possibilitaram a manutenção de suas tradições enquanto ferramentas de resistência às mazelas pandêmicas.

Palavras-chave: Identidade; Povos indígenas; Coronavírus; Xavante; Krenak.

Indigenous peoples, identity and survival of ancestral cultures in contemporary Brazil

Abstract

The Coronavirus pandemic presented itself as a factor of displaying for the social, political and environmental vulnerability experienced by native peoples. This article aims to understand the emancipatory possibilities of indigenous peoples during the COVID-19 pandemic period, through the apprehension of the relationships between identity politics and political identities present in this scenario. Thus, the speeches of some important indigenous leaders were given opportunity, since they can present us with strategies that have been achieved to overcome the difficulties of the pandemic. In view of this, it was possible to infer that the identity policies produced by these groups, despite their encapsulation, made it possible to maintain their traditions as tools of resistance to pandemic ills.

¹ Psicóloga e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP, cuja tese trata do educador da etnia Xavante. <https://orcid.org/0000-0003-3378-3278>. <http://lattes.cnpq.br/4934524352134481>. mirella.mjusti@gmail.com.

² Psicólogo e mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP. <https://orcid.org/00000002-4644-9925>. <http://lattes.cnpq.br/9174569715160555>. gustavorochapsi@gmail.com.

Artigo

Keywords: *Identity; Indigenous peoples; Coronavirus; Xavante; Krenak.*

Pueblos indígenas, identidad y supervivencia de las culturas ancestrales en el Brasil contemporáneo

Resumen

La pandemia del Coronavirus se presentó como un factor de atención a la vulnerabilidad social, política y ambiental que viven los pueblos originarios. Este artículo tiene como objetivo comprender las posibilidades emancipatorias de los pueblos indígenas durante el período de la pandemia de COVID-19, a través de la aprehensión de las relaciones entre las políticas de identidad y las identidades políticas presentes en este escenario. Así, se dio oportunidad a los discursos de algunos importantes líderes indígenas, ya que pueden presentarnos estrategias que se han logrado para superar las dificultades de la pandemia. Ante ello, fue posible inferir que las políticas identitarias producidas por estos grupos, a pesar de su encapsulamiento, permitieron mantener sus tradiciones como herramientas de resistencia a los males pandémicos.

Palabras clave: *Identidad; Pueblos indígenas; Coronavirus; Xavante; Krenak.*

1 INTRODUÇÃO

“A vida não é útil, a vida é uma fruição, é um dom. Eu reivindico a potência dos seres humanos viverem a vida como uma dança cósmica, sim, uma dança do universo. Algumas tradições ainda possibilitam que coletivos inteiros cantem, dancem e vivam essas experiências de fruição de vida. Mas, nós estamos cada vez mais nos rendendo ao apelo de que a vida seja utilitária; por isso, eu não vou me cansar de dizer que a vida não é útil, a vida é uma experiência maravilhosa, é um bem comum, não é um privilégio, não é um mérito, é um dom. Então, viva radicalmente, seja um corpo vivo numa terra viva, olhe ao seu redor, reivindique um território livre para uma experiência de vida que seja de verdade de corpos vivos na terra, não se renda a ideia da mercadoria, considere a possibilidade de se render a uma outra poética da existência que não seja a da utilidade da vida. A vida é uma dança cósmica, a vida é uma experiência transcendental.

Erehé!”

(Ailton Krenak).¹

Artigo

Este artigo é um produto da mesa de abertura intitulada “Povos indígenas, identidade e sobrevivência de culturas ancestrais no Brasil contemporâneo”, realizada no dia 11 de agosto de 2021, durante o evento denominado “Necropolítica e vulnerabilidades no contexto da pandemia”, organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade Metamorfose (NEPIM), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Trata-se, portanto, de uma transcrição comentada dos conteúdos abordados por mediadores e convidados durante a apresentação.

Partindo da ideia exposta de que uma vida não deve ser útil, mas experienciada (KRENAK, 2020a), e contemplando os estudos do NEPIM, se fazem pertinentes as falas de algumas lideranças indígenas, visto que podem nos oferecer um panorama da identidade desses povos no mundo atual e, além disso, nos apresentar estratégias das quais têm se valido para lidar com o cenário pandêmico. A escolha do tema, bem como dos convidados, repousou no apelo à importância do resgate histórico sobre as implicações das pandemias e suas trágicas recorrências ao longo dos cinco séculos aos povos originários desde o início da colonização. Nesse sentido, a pandemia do Coronavírus nos remete a dolorosos episódios vivenciados pelos povos originários que, inquestionavelmente, desvelaram a acentuada vulnerabilidade política, social e ambiental imposta a essas populações. Face ao cotidiano de violência e discriminação, ser indígena no Brasil ainda implica viver sob precárias condições de existência.

O primeiro convidado, Ailton Alves Lacerda Krenak, é um líder da etnia Krenak, ambientalista, filósofo, poeta, escritor e professor *honoris causa* da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com excelente habilidade em discorrer sobre as nuances do mundo colonizado. É uma liderança conhecida desde 1987, por conta de sua fundamental participação na Constituinte, enquanto um dos responsáveis pela inclusão do capítulo dos índios na Constituição de 1988, além de colaborar em diversos outros movimentos pelos direitos indígenas e não indígenas, e pela sobrevivência da vida na terra. Destaca-se, ainda, na luta do povo Krenak por sua terra originária no Vale do Rio Doce (Minas Gerais), a qual regressou definitivamente em 1997, após uma luta iniciada em 1920 e que, hoje, se encontra contaminada pelos detritos de minérios dispersados no rompimento da barragem em Mariana, em 2015.

Para integrar o debate, se fez presente o Cacique Robson Tsuba Tsere’urã, que expressou em sua liderança xavante preocupações relacionadas à educação e à saúde dos indígenas. Esta liderança vive, desde o seu nascimento, na terra indígena de São Marcos, que

Artigo

fica localizada na Serra do Roncador, no Estado Mato Grosso. Em seu território, mantém-se o modo de viver xavante, de modo que, com exceção do espaço da escola, a língua portuguesa é pouco falada e o estilo de vida ocidental se estabeleceu de maneira restrita. São Marcos é uma terra indígena com cerca de 54 aldeias, sendo a maior delas a aldeia homônima de São Marcos, que conta com uma escola estadual de ensino fundamental e médio, além de posto de saúde. Ainda há, nesse território, conforme aponta o estudo de Silva (2017), a presença dos missionários salesianos, que chegaram em 1902 e detinham a posse da terra na década de 1960, período em que algumas famílias da etnia xavante aceitaram o contato pacífico devido às tensões geradas com a chegada do “desenvolvimento” na região central do Brasil, ocorrida a partir de 1920.

A combinação do cenário supracitado com a configuração de uma sociedade mais numerosa e organizada politicamente, desembocou na tomada e redistribuição de terras dos povos originários aos interesses do agronegócio, culminando no encapsulamento territorial e no expressivo desejo de extermínio destes que, inclusive, já haviam sido dizimados por chacinas e epidemias progressivas. Entre 1920 e 1964, esse povo lutou, fugiu e guerreou para preservar sua cultura, história e costumes. No entanto, no final desse período, já enfraquecidos, solicitaram o auxílio da comunidade salesiana, que habitava aquela terra e já aguardava esse aceno diante das tentativas malsucedidas de penetrar na sociedade xavante, devido à resistência deste povo (JUSTI; ROONHIPÃ, 2021) – sendo essa uma característica marcada sobre sua representação que vinha a calhar, pois conforme avançava a “marcha para o oeste”, do governo de Getúlio Vargas, o Xavante era a imagem do sucesso do amansamento deste “bom selvagem” brasileiro (GARFIELD, 2000).

É necessário notarmos que, historicamente, as regulações colonizatórias promovidas aos povos originários do Brasil partiram, via de regra, do Estado ou da igreja, sempre intencionadas a introduzir o estilo de vida do mundo branco e, por vezes, conduzidas por interesses privados em que a análise está centrada em novas alternativas e privilegiam noções de progresso e desenvolvimento, ou por tentativas de reparação voltadas para tensões sociais anteriores não resolvidas, que enfatizam conceitos de opressão e exploração. Ciampa (2002) infere que pensar sobre as relações entre políticas de identidade e identidades políticas “pode permitir a discussão de aspectos, tanto regulatórios como emancipatórios, de ações e discursos, tendo em vista as assimetrias de poder presentes nas relações sociais” (p. 133). No contexto vivido pelos povos

..... Artigo

originários do Brasil, claramente se pode identificar a invasão de políticas de identidade colonizatórias nos mais diversos aspectos da vida; no entanto, como reação a essa invasão, por meio da luta pela afirmação de suas identidades coletivas, também criaram políticas identitárias, garantindo e ampliando seus direitos.

Vemos aqui a tentativa constante vinda das estruturas da sociedade ocidental de promover a inclusão cultural, oferecendo sempre como contrapartida a exclusão socioeconômica. Esta dialética da inclusão cultural/exclusão social vai muito além da falta de acesso a bens e serviços básicos, refere-se também, conforme apontam Campos *et al.* (2004), à “existência de segmentos sociais sobranes de estratégias restritas de desenvolvimento socioeconômico, passando pela exclusão dos direitos humanos, da seguridade e segurança pública, da terra, do trabalho e da renda suficiente” (p. 33). Lógica também apontada por Mbembe (2014), quando afirma que a exclusão social é a marca inquestionável do desenvolvimento do capitalismo, sendo repetida com algumas alterações ao longo do tempo, porém, nunca objetivando realizar reparações históricas efetivas a essas populações, reforçando e generalizando a exclusão social, “transformando os seres humanos em coisas e instituindo enquanto padrão de vida o descartável e solúvel” (MIRANDA; JUSTI; FERRAZ, 2019, p. 93), que Ailton Krenak se refere quando chama de uma vida útil, coisificada em sua utilidade – nas palavras dele citadas na abertura deste texto.

Seguindo este pensamento, um exemplo completo é o da escola, cuja legislação garante para cada aldeia sua estrutura formal, além de assalariar professores da comunidade (JUSTI; ROONHIPÃ, 2021), aparecendo como mediadora política e econômica entre os saberes dos mundos branco e indígena. Vê-se, claramente, o intento da inclusão cultural dos originários à vida colonizada, no entanto, a contrapartida não é a apropriação da cultura indígena pelo mundo branco; sequer existe a busca por alguma igualdade neste sentido. A direção sempre está voltada para a realização de uma vida indígena no meio dominante. Como reação a toda a barbárie histórica vivida por estes povos, o que se tem é um desejo pela escola formal, para que se aprimore a fluência destes minoritários no mundo branco, que possibilite alguma igualdade de saída na luta por seus direitos, e na conquista de uma vida com mais qualidade e dignidade, em que a preservação e continuidade da cultura originária tenham alguma chance de existência.

Outro exemplo interessante sobre a realidade dos povos originários na atualidade foi a pandemia da COVID-19, democrática no sentido de que atingiu a todos, impondo o isolamento

..... Artigo

social ao mundo inteiro. Oportunamente, nos deparamos com a priorização dos povos indígenas, como jamais ocorrida em tempo anterior, visto terem sido contemplados enquanto grupo prioritário no plano de vacinação, fato que, somado à possibilidade de maior isolamento, às experiências anteriores com epidemias, e ao uso de remédios naturais advindos do conhecimento ancestral, levou à redução da taxa de óbito a quase zero. Ainda assim, na primeira onda de contágio, estas populações viveram perdas inestimáveis de muitos velhos das comunidades, reiterando a acentuada vulnerabilidade da qual padecem, imperando uma sociedade escravizada pelo capitalismo e cujas mazelas não se esgotam apenas na obliteração de seus corpos físicos, mas no apagamento de saberes e estilos de vida que se diferenciam da política dominante.

A educação, atravessada por resistências advindas ora das instituições sistêmicas, ora da tradição, e a pandemia, foram os disparadores da conversa com as lideranças já apresentadas, sendo que os caminhos que a assoalharam foram trilhados a partir do norteamento da Psicologia Social Crítica e dos estudos sobre a identidade de Ciampa e de seus colaboradores. Para estes, a identidade deve ser entendida como um processo de metamorfose constante, que se configura pelo movimento das transformações que ocorrem na vida cotidiana, seja como história ou como projeto de vida, mas sempre pensada a partir da realidade sócio-histórica, com sentido em direção à busca pela emancipação (CIAMPA, 2007). Ao considerar a questão da emancipação em sua construção teórica, o autor propõe o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, pois entende que estes três elementos constituem uma unidade significativa e mantém entre si relações de dependência e de ordem.

Em seus estudos sobre o papel da tradição no sintagma supracitado, Campos (2013) compreende que a ancestralidade e a memória constituem os fios condutores entre as gerações de determinadas sociedades. O pertencimento consulta a ancestralidade a fim de apreender recursos para lidar com os paradoxos e contradições sofridas pelas configurações sociais. Simultaneamente, a memória se mune de registros no intuito de expandir o projeto de reconhecimento das identidades e, por conseguinte, de suas metamorfoses. Memória e pertencimento constituem o bojo da compreensão sobre o contexto sócio-histórico da realidade. Outrossim, contemplam o investimento sobre a constituição do simbólico das relações. Por isso, o pertencimento pode ser contemplado em síncrono ao lugar geográfico e aos encontros das subjetividades, enquanto o reconhecimento ao modo de existir pode suplantar quaisquer

..... Artigo

geografias do pertencimento. Estes elementos – tradição, memória, identidade, pertencimento e reconhecimento – estiveram presentes durante todo o trajeto da conversa. Vamos a ela.

2 FALAS DOS CONVIDADOS

Discursando de maneira remota, enquanto presente na aldeia do seu povo, às margens do Rio Doce, Krenak relatou que esse lugar, na década de 20 do século passado, sofreu com a ocupação do vale dessa região da floresta. Ainda naquele século, segundo ele, se tratava de uma região selvagem – valendo-se daquilo que chamou um termo “próprio” –, visto que os povos que lá viviam eram somente os nativos, ou seja, ainda não se fazia presente a colonização, constituindo-se uma região de colonização tardia, apesar desse movimento, quando ocorrido, ter sido fulminante.

Há mais de 100 anos, nas décadas de 1910 e 1915, teve início o processo colonizatório, sendo o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), orientado por Rondon, que iniciou os contatos com os povos daquela região, semelhante ao que fora feito com os povos da Amazônia, na década de 90. Krenak revelou que eles eram uma espécie de Amazônia, deslocada na geografia, localizada na região leste de Minas Gerais. A região era de floresta e, portanto, o povo de lá era um povo da floresta, o que lhe rendeu uma forte formação mnemônica dessa geografia. Ao passo em que se afirma como povo da floresta, sugere que essa deixa marcas profundas na formação de seu povo. As histórias do povo Krenak são, para ele, a continuação da história de um povo da floresta que ficou sem floresta, mais ou menos como aqueles que ficaram sem terra, uma grande população brasileira que vivia na zona rural até 50 ou 60 anos atrás e que, por isso, foram viver na cidade, atraídos pela facilidade que a vida moderna supõe: *“Como se você não precisasse fazer nada, está tudo na prateleira”*.

A maioria das pessoas da geração de Ailton Krenak nasceu em suas casas, muitas das quais possuíam chão de terra, o que não incidiu em qualquer perda de cognoscibilidade de vida. Sendo assim, a ideia de que nascemos modernos em maternidades, em ambientes sanitários e que existe um lugar que ainda é precário para acolher um nascimento, é uma ideia cultural. Ou seja, uma ideia cultural de que existe certa precariedade na vida daqueles não-urbanos ou que não foram assimilados pela vida urbana. O convidado reiterou a importância dessa avaliação na

..... Artigo

medida em que comentou sobre o apreço de Carlos Drummond de Andrade pela sua região, semelhante ao dos próprios nativos.

Na década de 1940 e 1950, essa região foi assolada pela modernidade. Seu povo, invadido, e seu território rebatizado com o “nome horroroso” de Vale do Aço. Ou seja, o que era chamado com esplendor de magnífica floresta se transformou, no século XX, em Vale do Aço. Em uma comparação com o mesmo Drummond, que dizia sua Itabira ser, agora, só um quadro na parede, Krenak também se viu sofrendo o mesmo fim. Ainda assim, comentou que seu povo insistiu em plantar e cultivar novamente. Seu Rio Doce, agora assolado pela lama da mineração vinda do rompimento da barragem, em 2015, em Mariana, como fosse um prêmio do Vale do Aço para os ribeirinhos e para as comunidades indígenas.

Ainda, essas transformações violaram suas próprias identidades, visto que eles não precisaram deixar a região pois, entre 1920 e 1997, apesar do açoite, nunca deixou de haver uma terra indígena Krenak. À época, o presidente da província de Minas Gerais era Arthur Bernardes, que assinou um documento instituindo a reserva indígena naquele lugar, muito embora tenha havido uma sucessão de invasões, inclusive de colonos vizinhos, que adentraram a reserva e predaram o território. Sendo assim, seu povo teve que lutar contra essas invasões, retomar e cuidar desse território. Em uma oportuna analogia, Krenak imaginou o Brasil atual como uma reserva indígena que fora invadida e destruída, completamente desmontada. Dissolveram o aparato estatal, acabaram com o Ibama, com o Ministério do Meio Ambiente, com as Universidades, com o investimento na educação, ciência e tecnologia: *“O negacionismo tomou conta de tudo e teremos que tomar de novo essa reserva, de modo a constituí-la como um lugar bom para se viver e onde possamos exercer o sentido da cidadania, aquela mesma que Ulysses Guimarães descrevia ao abominar a ditadura”* (Ailton Krenak).

Para Krenak, os povos indígenas têm vivido uma experiência em relação aos seus territórios, denominada Marco Temporal, que se trata de um abuso da constituição, visto que a Constituição de 1988 institui que o Estado brasileiro e a União devem assegurar a proteção desses territórios, o que dá manutenção ao abuso das terras indígenas sofridos desde muito tempo:

“Muitos territórios e comunidades indígenas continuam sofrendo violência devido à negligência do Estado brasileiro sobre suas obrigações. Não se trata de favores. E, nesse



Artigo



momento, temos o Estado brasileiro atuando contra a sociedade, o que me lembra, inclusive, da obra de Pierre Clastres, em que ele evoca uma sociedade contra o Estado. Clastres narra a não concepção dos povos originários, nesse caso, o povo Guarani, de uma estrutura como o Estado moderno, imperando sobre a vida das pessoas, o que causaria, enquanto uma reação natural desses povos, a revolta da sociedade contra o abuso desse poder instituído. O que ilustra uma situação bastante atual, visto que o Brasil tem sido abusado pelo Executivo, que ofende o senso de cidadania e faz rolezinho de tanques na Esplanada dos Ministérios para intimidar o Congresso, que devia ser tão proibido quanto aquele que proibiram os meninos pobres fazerem nos shoppings. [...] O que pode, afinal, ser mais ofensivo, os meninos pobres passearem no shopping ou esses palhaços passearem de tanque na Esplanada dos Ministérios?” (Ailton Krenak).

Valendo-se das palavras do convidado, quando diz em sua obra “A vida não é útil” que o coronavírus foi uma grande estratégia do organismo Terra de “tirar a teta da nossa boca e dizer: respirem agora que eu quero ver!” e de outro trecho em que denuncia a crise vivida pelo modo de funcionamento de nosso mundo artificial, reflete-se que essa reação da Terra se dá em resposta ao nosso modo de viver, visto que novos e antigos fenômenos se desvelam no cenário pandêmico (KRENAK, 2020a). Nesse intento, resgata-se a perspectiva do convidado de que as pessoas conseguiram interromper a rotina comum e questiona-se: Por que não conseguimos ter outro posicionamento diante do planeta? A pandemia ensinou alguma coisa a essa humanidade destruidora, ou seja, para essa parte da população que não entende o que está acontecendo no planeta?

“Essa parcela da humanidade nunca quis entender, pois é negacionista. Nega evidências. Mesmo que a Terra nos mostre a mudança climática, dizem que ela não existe e insistem em alegar que essas transformações sempre ocorreram, ou seja, o mundo sempre foi assim. A Terra se pronuncia cada vez mais urgentemente. Outro dia, uma senhora apareceu indignada no jornal da noite, em Berlim, dizendo que as catástrofes climáticas não podem lá acontecer, haja vista não serem um país de terceiro mundo. Aquela senhora demonstrava uma exasperação para com a reação da natureza como se não quisesse que lá ela reagisse, pois é um país desenvolvido. A Terra reagirá em qualquer lugar, em Roma, Paris, Nova York, Estados

Artigo

Unidos e aqui também. Teremos que aprender que não somos a semente ou o sal da terra. A ideia essencialista de que o ser humano é a gênese de tudo é um especificismo humano e, por isso, alguns cientistas a denominam antropoceno. O antropoceno se dá quando os humanos ameaçam não somente a vida do planeta, mas também a sua própria existência enquanto espécie, pois o planeta continua existindo, mas os humanos podem acabar. A vaidade em dizer que protegeremos a vida na Terra é uma bobagem. Nove bilhões e meio de pessoas no planeta vivendo com diferentes perspectivas, diferentes interesses, a Terra não vai deixar isso barato” (Ailton Krenak).

Referenciando um trecho da obra de Krenak (2020a), em que ele afirma que o colonizador escravizou tanta gente que, agora, escraviza a própria vida, chega-se na ideia de que a sociedade em que vivemos passa a não ter escolhas. Quem tem algum direito, entende-se como privilegiado, a exemplo dessa senhora em Berlim. Destarte, no documentário “Vozes na Floresta”², Krenak discursa sobre a incompatibilidade dos mundos, denunciando uma escolha “burra” de vivermos no sistema do capital, bem como sobre conceitos como herança e aposentadoria não fazerem sentido no mundo indígena. O antropocentrismo é um grande dilema para grande parte da população civilizada, no qual indaga-se sobre o próprio modo de vida, em que a sombra de uma incoerência perturbadora é percebida, sem conseguir enxergar saídas.

Para Krenak, quem tem uma cosmovisão não receia o fim das bases estruturais do capitalismo: “*Quando a comida dos Xavantes acaba, ninguém fica com drama*”. O convidado conhece a etnia Xavante, conviveu com eles e se lembra de que saíam para caçar no território em incursões que poderiam levar semanas. Relatou que, durante esses episódios, ninguém levava lanche, o que o deixava preocupado porque já se sentia domesticado pela vida ocidental. Notou, então, que eles tinham a confiança de que a mata responderia a essa necessidade: “*E, de fato, respondia. Passavam tempos perambulando e comumente se deparava com alguém comendo algo que a mata lhe oferecia, fosse um broto, uma raiz ou um coquinho. Ninguém passava fome*”. E continuou, de forma brilhante:

“Por isso, não existe campanha de combate à fome para essas populações, pois há a instrução social, bem como a ideia do direito e do privilégio são construções sociais, que são embutidas no imaginário das pessoas, que passam a acreditar num mundo de facilidades, ou melhor, num

Artigo

mundo de ‘prateleiras de supermercado’ que, se um dia se esgotarem, essas mesmas pessoas entrarão em pânico. Os Xavante, tais quais outros povos originários, sabem viver sem essa facilidade ilusória. Esse chamado mundo do direito, institucionalizado, pretende manejar a todos que vivam do mesmo jeito, uma monocultura, que é inviável, dado que, no planeta, não há possibilidade dessa condição a todos. Por isso, aquela senhora em Berlim fica indignada quando se depara com a ruína do primeiro mundo. Quando os europeus vieram colonizar as Américas, queriam um mundo novo. Trouxeram para cá tudo o que é velho, desde a fúria consumista até a ideia de propriedade. Os Xavante, por sua vez, são assolados por fazendeiros que tencionam tomar suas terras e que não concebem ali a existência de um povo, pois a disputam como propriedade. Há acentuada contradição entre o pensamento dos colonos e dos povos originários. A diferença fundamental reside no fato de que os povos originários anseiam viver em comunhão com a terra. Não enquanto proprietários, em contraposição à ideia ocidental. Qualquer colono é seduzido a ser proprietário de algo, perspectiva esta que necessita uma ruptura. Esse é, inclusive, o mesmo fundamento da herança, que demanda a existência da propriedade. Sendo assim, o pensamento ocidental propaga que todos devem ser proprietários de algo, ainda que esse algo seja o outro. A tarefa basal no combate a esse pensamento é a de imaginar mundos, sobretudo, aqueles em que há a ausência de prateleiras. Se essas acabarem, a gente vai procurar outras coisas para fazer” (Ailton Krenak).

Na fala de Krenak, fica nítida a resistência dos povos originários em manter as culturas diversas, respeitando-as de forma crítica e criativa – como demonstrado há mais de 500 anos – e não aceitando a ideia de que somos todos iguais, tanto que refere, ainda, existirem “aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos” (KRENAK, 2020b, p. 31). As políticas de identidade existentes nestes grupos promovem, eficazmente, a manutenção das culturas, apesar de seu encapsulamento e de toda a invasão do modelo do capital.

A seguir, introduziu-se à discussão o Cacique Robson Tsuba Tsere’urã, que iniciou sua fala saudando os espectadores na língua akwén: *Hoiwa rowe*³! O convidado é descendente direto do grande líder Ahopowe (conhecido pelo nome traduzido de Apoena e que protagonizou o histórico contato com Francisco Meireles, em 1940); irmão caçula do ex-deputado Mario Juruna, líder indígena e primeiro deputado federal indígena no Brasil pelo PDT (Partido

Artigo

Democrático Trabalhista), falecido em 2002; tem a liderança como exemplo ancestral e é o cacique da aldeia São Marcos. Sendo assim, afirmou que seu objetivo principal com o debate é salientar sua visão de um futuro envolto em dificuldades para as novas gerações e sua preocupação acerca do direito indígena, aproveitando a interlocução com Krenak.

De início, sobre a condição pandêmica, contou que sua comunidade tem se imunizado com a vacina, contemplando de jovens a idosos, o que tem contribuído para a redução da taxa de contaminação. Além disso, tem utilizado das experiências anteriores com epidemias e de seus próprios remédios: *“estamos misturando raízes fortes naturais, todos nós estamos tomando para fazer bem à nossa sobrevivência”*, desvelando a conservação dos saberes ancestrais e sua importância para a sobrevivência dessa população durante o período pandêmico.

Krenak compartilhou sobre como foi em sua terra, comentando sobre o óbito pela COVID-19 de três mulheres idosas, oriundas da terra indígena Krenak, onde habitam 130 famílias. Segundo ele, desde que os habitantes receberam ambas as doses da vacina, entre o final de fevereiro e o começo de março de 2021, não houve mais casos de contágio na região. Ainda assim, tem tomado as precauções necessárias e evitado a circulação externa ao território. Acrescentou que o povo Krenak, assim como muitas das populações indígenas, se encontra em uma situação aparentemente mais protegida do que seus vizinhos da cidade, devido à sua maior possibilidade de isolamento e distanciamento. Fez referência, ainda, ao fato de que a população indígena do Brasil inteiro já está mais de 70% vacinada com primeira e segunda doses, criando uma proteção ampla. Prudente, continuou dizendo que, quando todos os brasileiros tiverem tomado as duas doses da vacina, provavelmente, terão a possibilidade de viajar novamente. Finalizou, cumprimentando o cacique Robson, a quem afirmou ter muita alegria em conhecer seu irmão mais velho, o ex-deputado Mario Juruna, bem como a satisfação em saber que seu povo já atravessou o período mais crítico da pandemia e está bem. E *rowe di⁴!*, saudou.

A respeito da educação, Krenak relatou que, desde a constituinte de 1988, está assegurado aos povos indígenas o direito de criação de projetos de educação autônomos, contemplando a cultura de cada território. Em sua terra, há escolas com professores da própria comunidade, cujos currículos são formados no interior dela. Visto isso, assegurou que em sua comunidade não encontram muitos percalços em compatibilizar seus saberes com o sistema formal de educação, uma vez que seus professores são Krenak. Ademais, contam com a

..... Artigo

possibilidade de ensinar, à priori, a língua materna e, somente em seguida, ensinar português. As outras disciplinas, como a gramática, matemática, história e geografia, também são oferecidas até o ensino fundamental, que se sucede da possibilidade de os jovens poderem dar seguimento aos seus estudos fora de suas terras de origem. Para o convidado, a presença de mestrandos e doutorandos indígenas na universidade representa, do ponto de vista histórico, um novo cenário em que os povos indígenas passaram a dialogar no campo do conhecimento com as instituições estruturadas na cultura brasileira, da academia a outros campos, como o da política e do pensamento.

No que tange ao processo de formação educacional em suas terras, o cacique Robson descreveu um processo que tem gênese dentro da família, a partir dos ensinamentos de pai e mãe, que introduzem as crianças à iniciação cultural pelos rituais. Essa é a sua educação formal. Primeiramente, a criança entende os princípios comunitários em casa e, em seguida, vai entender com os adultos. As meninas permanecem em casa e vão aprender com as mulheres, e os meninos irão para o “Ho” – a casa do adolescente, dos solteiros – até se tornarem adultos, período que dura em média de 5 a 7 anos e que terminará com a cerimônia com o público e o padrinho, que vai completar a transmissão de ensinamentos. É um processo antigo, que data de cerca de 400 anos e que, segundo o Cacique, os não-indígenas não compreendem. Para ele, seu povo se inclui na educação a partir da constituição de 1988, permitindo o aprendizado de uma segunda língua: o português. Logo em seguida, passaram a frequentar as escolas, o que muito contribuiu para que seu povo pudesse entender a educação não-indígena. Por isso, afirmou que a escola contribuiu para a sua cultura e a educação cultural, por sua vez, contribuiu para a cultura da escola (não-indígena).

Em sua fala, a liderança Xavante deixou clara a sua compreensão sobre o que é educação e nos convida a olhá-la em seu sentido mais amplo, cuja responsabilidade do adulto e da comunidade com a educação está implicada desde a concepção até o fim de suas vidas. A escola, neste contexto, fica relegada ao plano de uma formação coadjuvante, enquanto a protagonista é a sua própria cultura. O cacique reconhece que há dificuldades para mantê-la viva e segura diante de imposições externas, ou seja, do mundo não-indígena e, por isso, se preocupa com a promoção de cursos de educação superior (graduação e pós-graduação) na terra indígena São Marcos, entendendo que seria mais acessível para os que não tem condição de sair da terra para estudar, preventivo quanto ao risco do jovem xavante de abandonar sua cultura e negligenciar

Artigo

sua “sobrevivência natural”, bem como para evitar importações de doenças ainda mais graves e de diversas outras mazelas da urbanização. Nesse sentido, reitera a importância do ensino superior nas regiões indígenas, não apenas para os povos xavantes, mas para todas as populações nativas.

Essa consciência de que a escola não pode ensinar e não permite aprender tudo, já que a família e a comunidade têm papel fundamental no processo educativo dos indivíduos, interferindo decisivamente no desenvolvimento global de seus membros, assim como na construção de identidades individuais e coletivas, já nos foi oferecida pela pesquisadora Xakriabá, Celia Nunes Correia, em texto escrito por Dominique T. Gallois sobre a escola no contexto ameríndio (2016). Neste, conta como a pesquisadora indígena destaca o modo experimental como fator indispensável para lidar com a relação entre a cultura e a escola, valoriza a luta pela superação das dificuldades, revivendo-as em cada etapa em busca de soluções práticas, tornando o problema produtivo.

Neste contexto, a tradição é empenhada pelos atos enquanto uma forma de sobreposição e presente em variadas manifestações culturais, como gestos e rituais, mas também na atualização das necessidades. Em detrimento dos esforços colonizatórios, os povos originários aqui retratados foram eficazes em preservar parte fulcral de sua memória, que se atualiza constantemente para suprir as recorrentes demandas oriundas da superação das contradições a eles impostas. Por isso, a concepção da memória enquanto parcela fundamental do pertencimento à tradição oferece algum repouso, haja vista a tradição, como interlocutora do elemento material, sugerir a possibilidade de resposta à angústia do não-lugar ou do não-pertencimento.

A fim de que opere enquanto mediadora entre passado, presente e futuro, a tradição demanda uma apropriação crítica. Não enquanto crítica em si mesma, mas na maneira em como se instrumentaliza, o que implica na produção de sentidos (CAMPOS, 2013). Sendo assim, a apropriação da tradição deve se dar sobre os elementos conflituosos presentes nas contradições humanas e no âmago da metamorfose, o que podemos observar nos modos de convivência e nas práticas sociais, ensejando a humanização como possibilidade de se viver uma boa vida. Dessa forma, o reconhecimento e a conseguinte legitimação da tradição pleiteiam, via de regra, a confecção de um projeto emancipatório, cuja concepção de homem contemple a premissa de

Artigo

que a singularidade se desenvolve na universalidade e, concomitantemente, a universalidade se manifeste na singularidade, apresentando, nesse entremeio, a categoria da mediação.

Nos deparamos com essa dialética, segundo Campos (2013), com a expressão de que “na singularidade contém o universal” (p. 61). Tal noção de sujeito contribui à inteligibilidade da metamorfose humana como hábil em promover reflexão a respeito de sua trajetória para suportar a aflição da ambiguidade sem, contudo, se permitir fetichizar pelas conveniências contemporâneas, bem como advertiu Krenak. A identidade desses povos manifesta a contenda com a presunção da canonização da história de um saber colonial, o que, por sua vez, reitera a apropriação crítica da tradição por eles empenhada.

Krenak compartilhou, então, suas observações sobre as condições de alguns povos em desenvolver projetos educativos, contemplando compromissos étnicos, como apontou o Cacique quando expôs a ideia da criação de uma universidade xavante. Acrescentou que outros povos estão trabalhando com a estruturação de um programa de universidade própria, na qual as questões culturais são valorizadas, ao invés de um êxodo rural em direção à formação em um mundo não-indígena, como o povo “Suruí” e “Paiteir-Suruís”, de Rondônia. Sendo assim, o indivíduo indígena faria uma ação dentro de seu território, no interior de uma instituição, onde sua cultura tem prevalência, o que se constitui, para Krenak, uma experiência bastante interessante. Continuou, contando sobre as possibilidades em outras regiões a partir do exemplo do povo Navarro, que desfruta de instituições educadoras em seu território. Da mesma forma, no Canadá, há a Universidade Primeiras Nações, em que se encontram mais de uma etnia.

Krenak, em seguida, foi convidado a responder a primeira pergunta do público participante sobre sua opinião se houve um aprendizado real durante o período em que fomos privados da “teta da Terra”, a qual se refere em seu livro “A vida não é útil” (2020a). E inicia:

“Me parece que a gente aprendeu muito pouco! Porque a maioria das pessoas está apressada, querendo sair logo, ir pra uma festa, um shopping, uma Olimpíada! Os japoneses fizeram uma Olimpíada oportuna, tem muita gente celebrando as Olimpíadas e o Japão voltou a crescer o número de contágio, tem muita gente passando por contágio e pode voltar a crescer, inclusive, o número de óbitos, por causa disso. Então, eu não sei se uma pandemia vale a vida das pessoas! Quero dizer, se uma Olimpíada vale a vida das pessoas durante a pandemia, isso é uma questão polêmica, tem gente que adora as Olimpíadas, então... Boa Sorte! Mas, eu acho

Artigo

um equívoco! Isso mostra que nós aprendemos pouco, se a gente tivesse aprendido alguma coisa, globalmente, não ia ter uma Olimpíada, e não ia ter uma insistência para abrir as escolas depressa, correndo. A gente ia ter que fazer uma reflexão sobre educação, sobre o que é escola, pra que escola? Nós estamos formando as pessoas nas escolas da cidade, para fazer o quê? Para ficar desempregado?! Então, assim, tem muitas questões relativas a aprender, a pandemia deu um tempo pra gente pensar, mas a maioria das pessoas pensou muito pouco! Elas estavam ansiosas pra sair correndo para a rua” (Ailton Krenak).

Como exposto, as forças políticas podem desprezar a importância da escuta da população, visto que 70% dos japoneses foram contra a realização das Olimpíadas. Ainda assim, os governantes decidiram por realizá-la, submetendo suas decisões às imposições do capital gerado pelo evento. Episódio que evidencia, mais uma vez, que as políticas identitárias voltadas para os interesses do capital ocupam cada vez mais espaço no ideário das estruturas estatais, que não protegem e nem garantem os direitos constitucionais, seu motivo de existência, mas, ao contrário, expõem populações ao risco de morte com a finalidade mercantilista. Por fim, Krenak deu seguimento, revelando sua indignação, dada a comum admiração à cultura japonesa para com o estatuto fragilizado de sua democracia, haja vista os números apresentados. Sugeri que, diante disso, se o comércio é muito mais poderoso que o governo no Japão, imaginemos como se dá essa sujeição no estado brasileiro.

Na medida em que deliberamos sobre o que queremos preservar ou reconhecer nas tradições, quando relatamos outras perspectivas de um mesmo evento, encaramos o que queremos manter ou eliminar das relações sociais. Ou seja, conforme explica Campos (2013), superando a mesmice em função da mesmidade em um processo sócio-histórico e suplantando a reposição da heteronomia em detrimento da singularidade e autonomia, apresentando sentidos ao pertencimento. Ciampa (2002) argumenta que as políticas de identidade se desvelam nas ideologias e ações de grupos e coletividades, e intentam atingir uma hegemonia, por um lado, ou buscam emancipação, por outro. Já as identidades políticas constituem a condição de sujeito e de autonomia. A articulação entre esses dois conceitos em função da emancipação acontece na atividade e na comunicação, intermediadas por um espaço social permissivo à sua realização.

Artigo

Nesse momento, houve o disparo de outra pergunta, sendo esta acerca de como a população indígena tem se preparado para uma era não-humana, visto o cenário distópico recente que nos aproxima da ideia do Antropoceno. Krenak iniciou, dizendo:

“Na verdade, os povos originários estão há muito tempo se preparando para viver situações de falta, de ausência, de carência. Sempre foi negado a esses povos um pleno direito de usufruir a liberdade de ir e vir e de exercitar sua própria tradição e cultura. Nós estamos sempre preparados! São sociedades que têm uma capacidade de resiliência, onde o antropoceno não é uma questão prioritária, apesar de ser uma questão grave, porque vem junto com as mudanças climáticas, vem junto com riscos de desertificação, tem uma previsão de que o Cerrado, nos próximos 30 anos, pode virar uma espécie de Caatinga, uma savana doente, se o agronegócio continuar destruindo a vegetação e as nascentes de água. O povo originário tem capacidade de resiliência, é por isso que eu digo: Eu não sei o que os brancos vão fazer diante de uma assolação da paisagem, mas os povos originários já fazem isso há 500 anos” (Ailton Krenak).

Por sua vez, o cacique Robson se expressou sobre a questão a partir da ideia de “espírito da natureza”, sobretudo a respeito da destruição do cerrado. Segundo ele, tudo tem espírito, seja a raiz, folha, mar, água, nascente, solo, ar, trovão, chuva ou raio. Tudo isso é espírito da natureza. Os humanos estão, através do processo globalizatório, matando esses espíritos, o que é muito perigoso, visto que esse extermínio facilita a propagação de doenças advindas da cidade aos corpos indígenas. Esse movimento é comandado pelo capitalismo. Ora, se acometida pelas doenças produzidas por esse processo, as comunidades indígena e não-indígena vão acabar. Essa é a dificuldade basal para Robson: cuidar do espírito da natureza e resgatar a floresta. Preocupação que também aparece na provocação final de Ailton Krenak a esse debate:

“Eu quero cumprimentar a realização desse encontro e, pela raridade dele, é muito importante! Eu fiquei muito admirado de ver a observação do Cacique sobre a exaustão do cerrado com essa monocultura, ele foi muito claro em dizer que a terra está ficando exaurida e que tudo que a gente tem no território está delimitado por essa circunstância do capitalismo explorar tudo, inclusive, as nascentes das águas. Quando ele fala de ‘cabeceira’, está falando

..... Artigo

da cabeceira dos rios. Então, nós estamos ficando em um território delimitado, cercado pelo uso predatório e que limita, inclusive, o horizonte étnico, por que como vamos pensar um horizonte étnico cercados pela soja e pelo agronegócio?” (Ailton Krenak).

As duas lideranças deixam claro que suas preocupações não estão voltadas apenas para sua comunidade, mas com todos os seres que habitam o planeta. A pandemia mostrou que conseguimos nos organizar, rapidamente, e mudar, drasticamente, nosso comportamento, porém, há pouco, Krenak nos limpa as lentes embaçadas pelos embustes do capital e aponta para a realidade: a reação adicta que sentimos em sair para consumir em shoppings, festas, eventos. Santos (2020, p. 06) traz essa provocação quanto à plasticidade humana com a cena:

E, de repente, elas tornam-se possíveis como se sempre o tivessem sido. Torna-se possível ficar em casa e voltar a ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos, consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais, olhando para o que está à venda e esquecendo tudo o que se quer, mas que só se pode obter por outros meios que não a compra. A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos, cai por terra. Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas. Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais, frequentemente, na vida dos cidadãos, pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível.

O alerta de Boaventura Sousa Santos, de que as alternativas virão de qualquer forma, deve ser ouvido pela descendência dos desbravadores. Os povos nativos estão preparados para a dificuldade e acostumados a viver em luta. O histórico de resistência destes povos às investidas colonizatórias atravessou não apenas a questão da sobrevivência, mas a preservação da tradição de seus processos educacionais que, por sua vez, constituem etapa fundamental no processo de tornar-se membro de uma sociedade dialética. Processo este que, segundo Alves (2017), ocorre através da interiorização dos valores e normas e, por conseguinte, pela internalização, ou seja, momento em que os indivíduos têm alguma chance de deliberar suas escolhas, que poderão tender para a heteronomia ou não.

Ao mesmo tempo que a tradição pode significar, segundo Alves (2017), a reprodução da mesmice identitária, em que a heteronomia e a dependência predominam, também pode conter a força para resistir à dominação. Haja vista o ganho de alguma autonomia, desemboca no processo de individuação, o que, dialeticamente, opera sobre o elemento comunicativo da vida no mundo sistêmico. Nessa dimensão, repousa a razão comunicativa que, intermediada por

..... Artigo

uma acepção crítica da tradição enquanto balizadora dos processos educacionais, contribui na promoção de políticas de identidade hábeis em produzir emancipação, ainda que fragmentária – dadas as sucessivas tentativas colonizatórias do mundo ocidentalizado, contemplando o fenômeno denominado por Almeida (2017) de “fragmentos emancipatórios” e que podemos ver presente nas falas dos nossos convidados durante todo o debate, sempre em um sentido de buscar uma vida que mereça ser vivida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Identidade e emancipação. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 29, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i170998>. Acesso em: 6 ago. 2022.
- ALVES, Cecília Pescatore. Políticas de identidade e políticas de educação: estudo sobre identidade. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 29, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i172186>. Acesso em: 6 ago. 2022.
- CAMPOS, Alessandro de Oliveira. **Sobre a tradição e sua apropriação crítica: metamorfoses de uma Afroamericalatinidade em luta**. 2013. 214 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- CAMPOS, André *et al.* **Atlas da exclusão social no Brasil, volume 2: Dinâmica e manifestação territorial**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história de Severina**. 9ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2007 (original publicado em 1987).
- CIAMPA, Antonio da Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. *In*: DUNKER, Christian Ingo Lenz; PASSOS, Maria Consuelo (org.). **Uma psicologia que se interroga** – ensaios. São Paulo: Edicon, 2002.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. A escola como problema: algumas posições. *In*: CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINO, Pedro de Niemeyer (org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História** [online], v. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100002>. Acesso em: 16 jul. 2022.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São. Paulo: Companhia das letras, 2020a.

Artigo

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2020b.

JUSTI, Mirella Martins; ROORANHIPA, Mercedes. Reflexões sobre a educação no mundo Xavante: experiências de uma educadora Xavante e uma waradzu. In: ALVES, Cecília Pescatore *et al.* (org.). **Identidade, metamorfose e emancipação diante da COVID-19**. 1. ed. São Paulo: Amavisse, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MIRANDA, Suélen Cristina de; JUSTI, Mirella Martins; FERRAZ, Isaac Vitório Correia. A identidade na alteridade: o outro na sociedade brasileira. In: VICENTIN, Maria Cristina G. *et al.* (org.). **Construindo uma psicologia social ético-política na transversalidade teórica**. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, S.A., 2020.

SILVA, Luilton S. Lebre Pousa da. **Os Xavante e sua história pelo olhar dos salesianos Bartolomeo Giaccaria e Adalberto Heide**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

¹ Frases do pensador indígena e ambientalista Ailton Krenak, proferidas em uma aula virtual para o projeto CURA - Circuito Urbano de Arte - movimento social de artistas de Belo Horizonte (MG), em outubro de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jyWoTd>. Acesso em: 20 jul. 2022.

² Ailton Krenak foi o primeiro entrevistado da série “Vozes da Floresta - A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias”, que faz parte do documentário “Não verás país nenhum”. Uma produção da Memória Viva, em parceria com o Le Monde Diplomatique, dirigida e roteirizada pelo cineasta e jornalista Thiago B. Mendonça. Disponível em: <https://youtu.be/KRTJh1os4w>. Acesso em: 20 jul. 2022.

³ Saudação de “Boa tarde” na língua akwén (Xavante).

⁴ Saudação Xavante que significa “está tudo bem com você”.

Recebido em: 24/08/2022

Aceito em: 03/03/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional** que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.